

Nos rostos, desilusão estampada

GERMANO DE OLIVEIRA

O estado de espírito do brasileiro, sintetizado pelo pensamento do paulistano ouvido esta semana nas ruas de São Paulo por O Estado, está ultrapassando as fronteiras do País e virando notícia no mundo desenvolvido. Esse "pessimismo" foi retratado pelo ex-ministro, membro da Academia Francesa de Letras e pensador liberal Alian Peryrefitte em reportagem de uma página sobre o Brasil, publicada no Le Figaro, um dos mais importantes jornais da França. Peryrefitte, que esteve recentemente no Brasil, viu uma "imensa desilusão" na população, observando em seu comentário que ficada um se resigna à situação que denuncia.

Sinal de descontentamento está estampado no rosto do brasileiro, reconhecido a olho nu pelos observadores estrangeiros. E essa insatisfação não atinge apenas os menos privilegiados. De um lado, operários responsabilizam os empresários pela escalada dos preços e o governo por não ter pulso firme para conter as altas. De outro, os empresários acusam o governo pelo fracasso da política econômica e este, por sua vez, culpa os empresários pela desordem nos preços, assegurando que eles "não têm cultura" para conviver com um regime de liberdade econômica. No meio desse efervescente caldeirão de incertezas e indefinições os paulistanos, que produzem 40% da riqueza nacional, mas que, atônitos, sentem-se cada vez mais distantes de desfrutarem do lado bom dessa grandeza gerada.

Sem pão e sem sossego

Um dos melhores termômetros para se medir o nível da satisfação, ou não, do paulistano está num ponto de ônibus, no final de um árduo dia de trabalho, quando o retorno ao lar normalmente deveria ser encarado com prazer. Mas não é isso que acontece para dezenas de pessoas que se acotovela no parque D. Pedro, por volta das 20h, numa imensa fila, formada há horas, na tentativa de se tomar um coletivo que as leve para suas casas, em São Mateus. Maria Garcia, residente nesse populoso bairro operário da Capital, está no ponto há 2 horas e está inconsolável. "É todo dia o mesmo martírio, ônibus lotados e caros. E quando pára um deles no ponto é uma loucura. Todo mundo quer entrar ao mesmo tempo. Uma vez fui empurrada, caí e quase fui pisoteada."

Mas essa não é a única queixa dessa paulistaense que resolveu procurar uma vida melhor em São Paulo. "O custo de vida está pela hora da morte", desabafa Maria Garcia, que apesar do sofrimento na grande cidade não pensa em voltar para sua terra natal: "Não tem mais lugar bom para se morar neste País. A gente só vai descansar quando morrer", diz pessimista.

Ao seu lado está Aparecido Donizete José de Jesus, funcionário da empresa Macro Su-Un, na rua Clodomiro Amazonas, com uma história não menos dramática. Aparecido chegava ao local de trabalho pela madrugada, quando foi cercado por três homens e, confundido com um tal "nequinho da Febem", foi violentamente surrado. Ele passou o dia entre o pronto-socorro e a polícia para registrar queixa. "Passo quatro horas dentro de ônibus para ir trabalhar, ganhar mal, a família passa necessidades e ainda sou espancado."

Manuel João dos Santos, que ficou desempregado durante a crise de 83, já sabe como superar as novas dificuldades: vender frutas, doces e salgadinhos como ambulante. "Isso quando não chegam os fiscais do Jânio Quadros e levam tudo", protesta este morador do Itaim.

"SÓ CORINTIANO AGÜENTA ESSE GOVERNO"

O funcionário público Otávio Bicelli, um dos diretores da torcida organizada "Gaviões da Fiel", do Corinthians, cita o pouco interesse dos torcedores de futebol, "que não lotam mais os estádios", para justificar a profundidade da atual crise econômica. "O futebol, que sempre foi um lazer popular, está-se tornando uma opção apenas para as elites",



Antonio Lúcio

Maria Garcia: "Todo dia o mesmo martírio"

constata Bicelli em um dos portões do estádio do Pacaembu, em dia de jogo do Corinthians. "A vida está insuportável. Temos aumento de salário de 6 em 6 meses e aumento de preços diariamente. Os homens do poder deveriam ter mais firmeza, agir com mais rigor nessa história de preços e não ficar dizendo simplesmente que empresário não tem cultura." Mas o

aposentado, ganhando Cz\$ 10 mil por mês, que vai mais longe. "O povo não acredita em mais nada. Não acredita no governo, no PMDB, ou em qualquer outro partido. Nós só vamos acreditar em alguma coisa novamente, depois dessa tapeação que foi o Plano Cruzado, quando também os empresários começarem a fazer sacrifícios."

O jovem Osíres Carlos, da torcida organizada do Corinthians, entra na conversa para reforçar o pensamento do ferroviário: "Não temos um líder. Os empresários é que estão mandando no País. E vai piorar. Está pior do que no tempo dos militares".

Outro jovem, Adilson Correia Lima, de 21 anos, que ouve atentamente os companheiros não resiste: "Os militares têm que voltar. Pelo menos no tempo deles a gente não passava fome". Ao dizer isso, foi rispidamente repreendido pelo ferroviário aposentado: "Você não sabe o que são os militares..." Mas Adilson voltou à ofensiva, mostrando a carteira vazia: "Trabalho na chiclete Adams e ganho Cz\$ 4.600,00 por mês. Pago aluguel de Cz\$ 3 mil e não sobra nada. Se tivéssemos um governo com voz ativa, congelaria os preços e fiscalizava na marra, mandava gente para a cadeia".

Mas, ali perto, está uma senhora, Dirce Picchi, de 58 anos, que prefere acreditar que o País ainda tem solução. Informando acompanhar todos os jogos do Corinthians há 30 anos, dona Dirce acha que um pouco de misticismo não faria mal ao brasileiro. "Esperamos 23 anos para o Corinthians ser campeão. Agora o time está mal e nós estamos aqui, esperando que as coisas melhorem. Só sendo corintiano para agüentar este governo", ironiza.

A crise, no entanto, não incomoda apenas os trabalhadores e as classes menos favorecidas. O médio empresário Vladilson José Ribas, sócio da transportadora Lucena, traça o perfil de seu inconformismo. "O Brasil está entrando numa recessão violenta e o governo, os constituintes, ficam mais preocupados em discutir quantos anos Sarney ficará no poder e tratam de lotear os cargos públicos."

Ele foi um dos empresários que acreditaram no Plano Cruzado e se deu mal. "Acreditamos que o País viveria uma estabilidade financeira, que os juros seriam baixos e investimos no aumento da produção, comprando mais 18 caminhões, por juros de 47% ao ano. Agora, temos que pagar a dívida com juros de 600% ao ano, com os negócios em queda. Não temos como pagar e por isso pedimos concordata."

Se a crise na empresa não fosse suficiente, Vladilson precisa ainda conviver com os dramas diários de seus 80 funcionários, que "estão em situação desesperadora, muitos sendo despejados por não poderem pagar os absurdos aluguéis, o que afeta a produtividade da empresa".



Nascimento: descrente



Adilson: não sobra nada

pior, segundo ele, é que se o governo decretasse hoje um novo congelamento de preços ninguém respeitaria. "Perdemos a confiança nesse governo. Só novos governantes escolhidos por diretas, e já, acabariam com a desilusão do povo."

Essa é a mesma opinião de José Maria do Nascimento, ferroviário